

# Igreja reafirma apoio ao homem da Amazônia



Chegam com chuva e partem com ameaça de cheia

## Fim do encontro resalta valor da ação missionária

HELIO DAMANTE

O IX Congresso Eucarístico Nacional chega ao seu ponto culminante num clima que se pode classificar de inteiramente missionário. Uma síntese dessa preocupação, aliás devidamente programada, foi por certo a missa da noite de quinta-feira, celebrada pelo legado pontifício no estádio Vivaldo Lima e tendo por tema "A quem repartir o pão", a partir da realidade amazônica: um mundo físico, humana e espiritualmente em formação, como no Gênesis.

É fácil compreendê-lo uma vez que nada menos de 14 prelazias (territórios de missões) se situam na Amazônia, onde também se situam três dos quatro Territórios federais. Mas a missão hoje, com a dizimação das tribos ou sua aculturação (quase sempre em desfavor do aborígene) relativamente pouco tem a ver com a conversão do gentio, como nos tempos heróicos. É antes de tudo um trabalho entre populações dispersas em áreas imensas, vivendo na pior pobreza, mas já em contato com o mundo pelo rádio de pilha. É, notadamente, o homem da varzea — e a Amazônia é quase toda uma imensa varzea, uma civilização lacustre — sem vida estável e já ouvindo também o apoio dos grandes centros industrializados.

A sua integração socio-econômica, ou, em termos cristãos, a sua promoção humana, é o grande desafio que se impõe aos missionários. Lutam eles com grandes deficiências de quadros e dificuldades econômicas, tendo a seu favor,

porém, uma longa experiência, estudos de seriedade como os empreendimentos pelo CIME e o entusiasmo das comunidades de base, que florescem em toda a região.

### PASCOA DA AMAZÔNIA

A procura de uma resposta à nova realidade amazônica constitui o mote das reflexões entre os bispos, prelados, sacerdotes e leigos engajados. E também dos peregrinos que afluíram à cidade. O padre Gaetano Moiello, do Pontifício Instituto das Missões (PIME) e coordenador-geral do Congresso Eucarístico, falando a este reporter, disse que essa reflexão busca três objetivos: 1) colocar a explosão desenvolvimentista da Amazônia sob uma luz humana e cristã e não apenas tecnológica; 2) sensibilizar o Brasil para os problemas da Amazônia; 3) fazer um exame em profundidade da atuação da Igreja na Amazônia, abrindo os destinatários e os responsáveis pela evangelização.

O sacerdote, que pertence a um Instituto Missionário nascido neste século, para situar o Congresso Eucarístico nesse ambiente efervescente de grandes riquezas subjacentes e extremas pobreza e desigualdades sociais, usa a imagem de uma "Pascoa da Amazônia". Assim com o povo hebreu, são palavras suas, depois da travessia do deserto, encontrou a libertação e a identidade junto às margens do Jordão, quer o Congresso Eucarístico faça-o com a população da Amazônia.

LUCIO FLAVIO PINTO e MANOEL LIMA

Os próximos congressos eucarísticos que serão realizados no Brasil terão o de Manaus, que se encerra hoje com uma celebração solene no estádio "Vivaldo Lima", como um modelo, cujas falhas precisarão ser corrigidas e as virtudes aprofundadas. Embora os religiosos de outras regiões tenham reclamado de certa falta de organização e das poucas informações distribuídas durante a fase preparatória, a maioria dos participantes da Igreja Amazônica reafirmou a união do clero e a necessidade de cumprir as metas estabelecidas pela Pastoral.

Nos outros congressos talvez não se possa debater problemas tão agudos e urgentes, conduzindo necessariamente a Igreja para um envolvimento com questões sociais e econômicas que tradicionalmente só eram da exclusiva competência do Poder Civil. Entretanto, a forma criada para o encontro de Manaus será seguida. Haverá sempre sessões plenárias entre bispos e padres discutindo uma temática definida, o oficialismo que antes envolvia e tomava conta desses acontecimentos será reduzido ao mínimo e as celebrações públicas, ao contrário de serem uma tentativa de impressionar pela quantidade, numa espécie de teste para a reafirmação da fé do país, serão mais livres, utilizando uma linguagem direta e acessível ao público, que será convidado a refazer e refletir sobre alguns de seus próprios problemas.

Estas mudanças naturalmente provocam a reação de um significativo grupo da hierarquia eclesial. Bispos do Sul reclamaram publicamente da não realização de procissões e do abandono dado "às atividades sacramentais" ("o povo queria comungar e não encontrava confessores", disse um bispo na sessão de encerramento de ontem). Mas o predomínio dos temas seculares sobre os religiosos parece ter sido inevitável: obrigado a pronunciar-se permanentemente sobre os problemas da Amazônia e a renovar sua ação para sentir e atuar ao lado do povo ("já perdemos a classe operária, não podemos perder os índios, os colonos e os posseiros", declarou outro bispo), o clero da região pressionou sempre para que os religiosos de outras regiões, mais preocupados com a liturgia, ou aqueles da própria Amazônia que estão afastados dos compromissos estabelecidos pela Pastoral, discutissem e fossem informados dos obstáculos que são criados à aplicação do documento e sobre a necessidade de efetivamente segui-lo.

Mesmo na liturgia das celebrações realizadas (na abertura e no encerramento do congresso, ao contrário do que se esperava, não foram rezadas missas e sim expressivas orações), foram colocadas questões ligadas à realidade da Amazônia, para a qual a Igreja vem preparando há quatro anos um programa amplo e ousado, que exige dela uma grande capacidade de auto crítica e renovação. Entre a alta hierarquia as reações ainda são grandes e por isso a atual fase é de alguns conflitos e muitas divergências. Mas como a direção regional apoia e comanda o processo de transformações, mesmo o clero tradicional, refratário às mudanças, fica em situação delicada de ter que apresentar respostas e dar testemunha sobre seu compromisso de denunciar as irregularidades que prejudicam o homem da região e na tentativa de solucioná-las.

Um debate travado na sessão de ontem ilustra o impasse. Enquanto um cônego da arquidiocese de Manaus pedia aos bispos que deixassem aos advogados e aos técnicos do governo a tarefa de solucionar os conflitos de terra, o bispo de Marabá, dom Estevão Cardoso Avelar, disse que tem procurado ouvir os órgãos oficiais e os advogados "mas eles só advogam em favor dos ricos e advogam não nos deixa apresentar advogado para defender os posseiros". Seu pronunciamento foi o mais aplaudido da sessão de ontem.

O vasto temário apresentado não chegou a ser aprofundado nem soluções ou decisões foram apresentadas, mas para o clero da Amazônia o congresso foi uma preparação para encontros específicos, onde realmente haja sentido prático. Ficou reconhecido, porém, que as experiências em realização na Amazônia são as mais avançadas que a Igreja pode apresentar em todo o país. O aprofundamento do exame e da participação na realidade con-

tinuará e já há uma unidade expressiva entre várias prelazias. Dois problemas — de terras e indígena — estão obrigando o clero a refletir em conjunto sobre problemas que necessariamente exigem mais do que palavras. Essa atitude conduzirá, como perceberam alguns bispos, a uma ampliação da área de divergências entre o Estado e a Igreja, mas a ela, que na Amazônia sempre foi missionária, não resta outra alternativa: "Temos conhecimen-

to da situação dos nossos habitantes e se não assumimos uma defesa corajosa deles, perdemos mais uma parcela significativa do nosso já reduzido rebanho", foi a conclusão de um dos grupos em plenário.

A participação direta da mulher nos mesmos ministérios da Igreja já exercidos pelos leigos consagrados, a necessidade imperiosa de os líderes de comunidade de base e os leigos engajados terem acesso às reu-

niões de cúpula das prelazias e dioceses, e que a Igreja se entrosse com outras instituições ou organismos, "sem no entanto, se comprometer ou prejudicar a sua liberdade de ação", constam das preocupações e sugestões quanto ao desenvolvimento do trabalho pastoral da Igreja no Brasil apresentadas pelos líderes de comunidades de base aos bispos e prelados que participam do congresso. Recomendaram ainda os líderes que a Igreja, cada vez mais, utilize os

seus recursos financeiros na formação de lideranças de base, "em vez de gastar com construções e obras supérfluas, para despertar nos líderes a consciência democrática através das múltiplas atividades religiosas e sociais nas comunidades eclesiais de base".

O documento final, elaborado pelos grupos de trabalho, fez cerca de 25 reivindicações, aos bispos, solicitando um maior entrosamento entre os diversos movimentos da Igreja.